

FAMILIA, SANTUÁRIO DA VIDA E DO AMOR

Pe. Evaristo Deblasi
Professor de Escatologia e de
Psicologia da Religião

“**C**omo poderão crer, se não há quem lhes pregue” (Rm 10,14)? Como falar da família como “*um dos mais preciosos dons da humanidade*” (GS 52), como “*a célula primeira e vital da sociedade*”, “*a escola da vida, dos valores, da fé, das virtudes, do bem*” (FC 42; GS 47; CA 39), como “*a Igreja doméstica*” (DP 438SD 193), como “*célula social*” (DP 587), “*futuro da humanidade e da Igreja*” (SD 210; DP 602), “*aliança de pessoas*” (DP 582), “*santuário da vida*” (SD 297) etc, se não partirmos para uma autêntica evangelização, de modo que todos conheçam a família segundo o projeto de Deus, de Cristo e na Igreja?

Há na verdade hoje um desconhecimento prático do lugar da família no projeto de Deus, razão profunda do esvaziamento da vida familiar mesmo entre cristãos. As pessoas se capacitam em todos os ramos, menos para viverem o amor e no amor, para se casarem, para serem pais, para viverem na família e em família. Ensina-se a finalidade de tudo quanto às coisas materiais. Mas pouco se ensina sobre a finalidade da vida, do existir neste mundo, do ser homem, ser mulher, do casar-se, do ser e viver em família.

Toda a natureza criada está orientada para a vida em família

Para melhor situarmos a grandeza desta vocação divino-humana do viver em família e na família como chamado de Deus, onde homem e mulher, pais e filhos e comunidade se completam e se salvam em nível pessoal, comunitário e eclesial, desenvolveremos este artigo focalizando a relação da vocação do homem e da mulher com toda a criação, consigo mesmos, com os outros, e com Deus, tendo por centro a celebração da vida através do amor em família.

I. A vocação para a vida em família é um princípio presente em toda a criação.

1.1 Toda a natureza criada está orientada para a vida em família

Na medida em que as ciências atuais evoluem em todas as direções e níveis, sempre mais se confirma que há leis determinantes comandando toda a estrutura do universo, formando uma gigantesca ordem familiar desde as estruturas das galáxias (famílias de sóis), chamadas de macro-estruturas da criação, até à micro-estrutura familiar que é o átomo. Esta ordem familiar cresce em intensidade e qualidade na medida em que passa pelo reino vegetal e animal, até chegar ao ser humano. É como se toda a criação revelasse sua vocação natural última para o existir em família. No dizer de Karl RAHNER, a quem cito de memória: “O mundo todo, toda a criação, estão grávidos de Deus. Trazem em si, em sua estrutura mais interna, como lei natural e universal, o rosto de Quem os criou, Deus, que é família, relacionamento, amor, Trindade. De fato, a criação é a primeira revelação de Deus”.

Há uma ligação muito direta e estreita entre a estrutura da criação toda e a estrutura da vocação humana do homem e da mulher chamados a viverem em família, em relação. Deus, ao criar o homem e a mulher e ao chamá-los a existirem e viverem em família, pensou em primeiro lugar em lhes criar o paraíso, isto é, um lugar para viverem, na felicidade, essa vocação

(Gn 2,8). É fundamental ver esta relação familiar que perpassa toda a criação e sua orientação para o homem. “*No princípio Deus criou os céus e a terra... o firmamento, os astros, as águas, os mares, minerais, vegetais, os animais segundo as suas espécies, e viu que tudo era bom. Por fim, criou o homem e a mulher à sua imagem... e deu-lhes a criação para viverem, para se desenvolverem, se cultivarem e se completarem, vivendo em família...*” (cf Gn 1-2)

Em outra dimensão, se também olharmos a estrutura de nosso corpo humano, vê-lo-emos formado por uma perfeita ordem familiar, onde os órgãos vivem uma mútua ajuda e íntima relação de dependência, formando a unidade do corpo a tal ponto que a enfermidade de um órgão atinge todo o corpo (cf 1Cor 12,14-26).

Há na verdade uma estrutura familiar e de relacionamentos em toda a ordem criada, tanto no reino inanimado como no animado, chegando à sua plenitude na relação homem e mulher, através do amor em família. Cito novamente, de memória, Karl RAHNER: “Ver a criação toda é contemplar nela o rosto de quem a criou, o Deus que é família, amor, relacionamento perfeitos”.

1.2 A família à luz da antropologia e das ciências humanas

Hoje, como nunca, os estudos do homem e de seus comportamentos no tempo e nas civilizações, são objeto de inúmeras pesquisas. De maneira particular os antropólogos, ao estudarem o comportamento humano no tempo, deparam com constantes determinantes da espécie humana. Estas constantes revelam a estrutura mais íntima do existir humano através de todos os povos. Tais estudos trouxeram novas luzes e certezas sobre a vocação mais fundamental do ser humano nas relações em família e na comunidade. Particularmente BERDIAEV, um antropólogo russo, em seu livro “*Semente do Eterno*”, diz-nos que a consistência, a qualidade ou a decadência de todas as civilizações e povos, desde os mais primitivos até os atuais, dependeram sempre da vivência ou não de 4 valores fundamentais da vida humana:

A vocação mais fundamental do ser humano nas relações em família e na comunidade

Primeiro: A vivência e a solidez do existir em família foram sempre a fonte da vida. Entende-se família como a célula-base, relação homem-mulher-filhos, mas também é família a dimensão mais ampla de grupo humano, povo, nação, espécie humana, humanidade.

Segundo: A vida e o destino das civilizações, dos povos, da família e das pessoas, dependeram muito dos valores neles vividos.

Terceiro: Nenhum povo ou civilização mostrou qualidade de vida, a não ser quando tinha claro o porquê e o para quê do existir humano, isto é, um sentido e razão de existir, uma mística da vida.

Quarto: A estrutura mais interna da qualidade de vida do homem e da mulher, das pessoas, dos povos e civilizações, no tempo, sempre dependeu do sentido e do significado dado ao

amor humano. A perda do sentido do amor sempre significou decadência e morte.

Sabemos igualmente que todas as ciências humanas atuais apontam na mesma direção. A natureza mais interna da pessoa humana, do ser homem e do ser mulher, é feita para existir na relação, no amor em família. A neurose é fruto do ser humano que se isola. O primeiro atestado de morte, que nos damos a nós mesmos, é nos isolarmos do outro, dos outros, da criação e de Deus.

Também é verdade, por outro lado, que no mais profundo de seus sofrimentos, angústias e procuras, o homem sempre aspirou pela vida, pelos valores, pela família, pelo viver e conviver em nível pessoal, familiar, comunitário, nacional e supranacional. Hoje particularmente estamos entrando na era do afetivo. Isto é, o ser humano está carente de humanidade, de relacionamentos, de qualidade de vida, de amor, de valor, de viver em família e na família.

Melhor compreenderemos a família como o "santuário da vida e do amor"

Será portanto a partir da contemplação da ordem familiar presente em toda a criação e das buscas do coração humano sob a perspectiva da fé cristã, que melhor compreenderemos a família como o "santuário da vida e do amor". Será de nosso olhar voltado para Deus e para a realidade de toda a criação, para a realidade das aspirações do coração humano, que poderemos melhor iluminar e compreender a vocação da família hoje.

II. A família no Projeto de Deus

2.1 A vocação à família na Bíblia

Que é vocação? É um chamado, uma missão a cumprir. No caso, a família é um chamado de Deus para celebrar a vida através do amor entre as pessoas. É importante compreendermos isto. A finalidade pela qual um homem e uma mulher se casam não consiste apenas em que um necessita do outro, nem apenas para terem filhos e se completarem. Se a família é uma vocação e um chamado de Deus - "Façamos o homem e a mulher à nossa imagem" (cf Gn 1,26) - além do completar-se e do ter filhos, a finalidade fundamental é a missão de salvação mútua a realizar. A relação homem e mulher aparece como relação de salvação no Projeto de Deus (cf Gn 1,27-28) e como graça salvífica de Cristo na Igreja (cf Ef 5,21-33).

Por vezes nos assustamos constatando como se sabe tão pouco sobre a vocação do homem e da mulher no plano de Deus. De fato, sabemos pouco da finalidade pela qual um homem assume uma mulher (cf Gn 2,24) e vice-versa e ambos têm filhos. Aqui em parte percebemos por que tão poucas famílias são sólidas e felizes e por que tantos casamentos se desfazem com tanta facilidade. Se casar-se tem apenas por finalidade um precisar do outro, a realidade bem cedo mostra que esta necessidade passa e surgem exigências onde o amor tem que ir muito além. Surgem as exigências da doação, da renúncia, da cruz. Nem muito menos a finalidade de casar-se pode ter sua solidez apenas na harmônica complementação sexual, genital, entre o homem e a mulher. Não é de estranhar a pouca consistência desta visão do relacionamento homem-mulher. Na prática é levar para dentro da relação homem-mulher toda a ideologia do consumismo. Da mesma forma, a relação homem-mulher não se esgota na finalidade de ter filhos, do procriar. Há casamentos que involuntariamente não frutificam em filhos e nem por isso deixam de ser verdadeiros casamentos. Evidente que o casar-se e viver em família contém

o completar-se, o ter filhos, mas estas são conseqüências de uma finalidade muito maior que é o amor, o salvar-se em Deus. A relação homem-mulher através do casamento e em família é entendida na fé cristã como vocação de Deus, como sacramento de Cristo, dom do Espírito Santo. Esta consciência é importante se quisermos compreender o alcance do existir e do relacionar-se homem-mulher através do amor cristão e da vida em família.

Deus nos chamou a sermos no casamento e em família "imagens dele"

Mas em que consistirá esta vocação e missão da complementação mútua através do amor cristão? Deus nos chamou a sermos no casamento e em família "imagens dele" (Gn 1,26). É claro que "sermos sua imagem" não é modelarmos Deus à nossa imagem humana. Deus se fez e se faz presente em todos os rostos humanos. Tornar-se imagem de Deus está na ordem do ser, do tornar-se comunhão, do ser relacionamento, do ser amor, do ser salvação, do comunicar a vida como Deus a comunica. É amar-se com amor divino e humano, como Cristo amou a Igreja e por ela se entregou (cf Ef 5,25). É assumir alguém não somente porque ele(a) nos completa, porque dele(a) gostamos e/ou para termos filhos, mas é assumir o outro por aquilo que ele(a) é, no seu ser de homem e de mulher, de filho, de irmão, como dom e dádiva de Deus, cultivando-o no tempo como Deus o deseja, para entregá-lo um dia na casa do Pai.

Daqui nasce a razão mais profunda do existir do homem e da mulher em suas relações. É trazer para dentro do relacionamento homem-mulher, esposos, filhos, irmãos, comunidade, a vida de Deus.

A família humana tem um parâmetro a seguir. Ser imagem, reflexo da família divina. A família humana caminha na direção do ser e do existir da Família Trinitária. Claro que o completar-se, ter filhos, viver a intimidade das relações homem-mulher têm suas alegrias, o prazer, as auto-gratificações. Mas tudo é conseqüência de uma finalidade maior, que é o amor ao outro em nome de Deus. Esta compreensão nos leva a querer o bem do outro, a cultivá-lo no que ele deve ser pela vontade de Deus, agora e para sempre.

Será nesta direção, sob o olhar de Deus em Cristo e pelo Espírito Santo, sabendo-nos chamados a salvar o outro, que caminharemos na relação madura do amor cristão. Nunca o amor envelhece quando existe a relação adulta do amar-se em Deus. Neste relacionamento, o amor tem o dinamismo da vida onde o casar-se e o viver em família não é a opção de um dia, mas opção da vida toda. É um caminhar sempre mais no amor até o encontro definitivo com o Amor eterno. Este é o grande projeto de Deus para a relação homem-mulher, pais e filhos, família-comunidade.

2.2 O amor cristão tem exigências

Para vivermos a abrangência do amor cristão no casamento e em família faz-se necessário:

a) Cultivar o valor da pessoa humana

No concreto de nossos dias, o valor e a dignidade da pessoa humana estão profundamente machucados. Pouco mesmo se conhece da razão do existir do homem e da mulher no projeto de Deus, chamados a constituírem família e a viverem em família. A existência do homem e da mulher, como já vimos, não é fruto de um simples encontro entre um espermatozóide e um óvulo, nem resultado apenas de um encontro amoroso entre pessoas, mesmo que se trate de um amor autêntico. O existir de alguém

é acima de tudo um desígnio de Deus, vontade de Deus acontecendo através do amor humano. "Desde sempre Deus nos pensou no amor, nos chamou à vida e nos predestinou a sermos herdeiros e co-herdeiros, em Cristo, da vida eterna" (cf Ef 1,3-4).

Nisto, Deus é o único que tem o direito total sobre a vida humana. Não será, portanto, pelo casamento, ou por ser pai ou mãe, que se tem o direito de fazer do outro o que se quiser. Amar um homem, uma mulher, casar-se, ter filhos, jamais é possuir, manipular, usar, usufruir o outro, mas é fazê-lo feliz, libertá-lo e cultivá-lo nas dimensões humana e divina.

O amor não é posse, é missão a cumprir

Esta compreensão, dada pela fé cristã, muda totalmente a relação homem-mulher, como todas as relações entre as pessoas, e fundamenta o existir em família. O amor não é posse, é missão a cumprir. O amor exclui o egoísmo doentio, e implica o zelo pelo cultivo do outro, transformando as relações homem-mulher, pais e filhos, família, em amor, em graça, em sacramento, em mistério salvífico de Deus por Cristo, pela ação do Espírito Santo.

b) Manter a ordem dos valores

Na verdade, a perda dos valores essenciais da vida humana gera a morte das relações em família. A recuperação dos valores da vida, da dignidade humana, do ético, do religioso, do sentido do existir, são decisivos para vivermos a vocação sadia do amor na relação homem-mulher, pais e filhos, família e comunidade.

A Bíblia nos oferece este primeiro discernimento e questionamento através do Hino da criação do mundo, em sua primeira página, quando se diz que Deus criou tudo "muito bom" e no centro da criação colocou o homem e a mulher, iguais em dignidade e valor, chamando-os a serem "sua imagem" (cf Gn 1). É para o homem e para a mulher, chamados a se constituírem em família, que devem convergir todos os bens da terra, da criação. Infelizmente, a realidade de hoje aponta o inverso. Em grande parte o homem e a mulher, o casamento, a família, aparecem em segundo lugar e, por que não dizê-lo, para muitos, por último. Diante das ideologias em que vivemos, as pessoas são mais peças, coisas, escravos do ter e do produzir, vítimas do progresso ao invés de serem o fim, o valor maior da criação.

Não é de estranhar que nossas famílias sejam mais pensões do que lares

Qual o valor que damos às pessoas na prática, mesmo aos mais íntimos? (E valor não é aquilo que simplesmente se admite, mas aquilo que se vive, se cultiva, e realmente se valoriza) Se perguntarmos para aqueles que amamos: Como está se sentindo? Faço-o feliz? Onde devo mudar? que resposta teremos?... Como isto nos faria perceber que aqueles que dizemos amar não são tão valorizados assim na prática do cotidiano. Damos horas inteiras para novelas, para a TV, e não temos tempo para o diálogo. Não é de estranhar que nossas famílias sejam mais pensões do que lares. Nossos casamentos são mais junção de pessoas, do que encontros de relacionamento verdadeiro. O diálogo frequente, pela abertura transparente dos sentimentos, é o oxigênio e o alimento que fará a família ser de fato o berço da vida, o santuário do existir e a fonte do amor.

c) "Façamos o homem e a mulher à nossa imagem" (Gn 1,26)

Este chamado de Deus está na seqüência do dinamismo do amor cristão como projeto divino-humano para o homem e para a mulher, para a família. "Ser imagem" não é apenas, pela fé, buscar ver no rosto humano a presença de Deus, mas acima de tudo procurar viver o que Deus é. A Família eterna é o modelo e a fonte de todo o existir da família humana em suas relações de amor. *Deus é Amor* (1Jo 4,8), relação perfeita das Três Pessoas Divinas. Viver a vocação do amor cristão na relação homem-mulher, pais-filhos, família-comunidade, é caminhar e cultivar-se sempre mais nesta direção até sermos um com Deus na eternidade. "*Pai, faça que sejam um, assim como Tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que Tu me enviaste*" (Jo 17,22).

Este apelo a vivermos as relações humanas em família, a exemplo da Trindade, se aprofunda quando refletimos: "*E o homem e a mulher deixarão pai e mãe e se tornarão uma só carne*" (cf Gn 2,24). Aqui, "tornar-se uma só carne" tem um sentido total de complementação que assume o físico, o psíquico e o espiritual. Uma relação complementativa que caminha na direção da relação criada por Cristo em seu amor pela Igreja, como nos fala São Paulo aos efésios (Ef 5,21-33). O Verbo, a Palavra de Deus, se faz "carne", *sarks*, realidade humana total (cf Jo 1,14).

Entendemos melhor aqui o juramento que os noivos fazem um ao outro diante de Deus no dia da consagração do seu amor na Igreja: "Querido, querida, eu te prometo ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-te e respeitando-te todos os dias da minha vida". É o compromisso do cultivo mútuo que deverá continuar, pela fidelidade, em cada momento da vida.

Por Cristo o amor humano se humaniza, se cristifica, se torna santidade no cotidiano da vida

Sendo assim, o ter "uma só mulher, um só marido", de que nos fala a Escritura, nunca será apenas compreendido numa fidelidade apenas física, mas exige a fidelidade ao outro numa dimensão total. Isto é, fidelidade física, psíquica e espiritual, numa comunhão progressiva, através de toda a vida. Na verdade, a traição psíquica e espiritual poderá ser mais grave que a física. A fidelidade do amor cristão exige um assumir o outro em sua dimensão total, com as qualidades e os defeitos. Esta dimensão de relacionamento somente poderá ser bem vivida com a graça do Cristo. Será sempre nesta dimensão que a família se tornará o "santuário da vida".

d) O amor cristão será sempre criativo e criador

Deus, ao criar o homem e a mulher, chamou-os a serem partícipes de sua obra e poder criador. O homem e a mulher não têm apenas a missão e a vocação de procriarem e se completarem mutuamente, mas a de serem juntos, com Cristo, co-artífices da obra de Deus. Por Cristo o amor humano se humaniza, se cristifica, se torna santidade no cotidiano da vida. As relações humanas são transformadas, tornando-se mistério de salvação, acontecimentos salvíficos: A família se torna sempre mais o "santuário da vida e do amor".

III. A Família se define pelo amor

O amor é a maior força e busca do coração humano, perpassa as místicas das religiões, é a alma do cristianismo, é a essência do próprio Deus (cf 1Jo 4,8.16).

Em Deus somos amados antes de nascermos (cf Jr 1,5). Somos chamados à vida por bondade de Deus através do amor humano, somos predestinados, feitos filhos, herdeiros, co-herdeiros da vida eterna por Cristo, para existirmos eternamente na casa do Pai (cf Ef 1,3-4). O amor é a vocação mais universal e total da pessoa humana chamada a ser como Deus é, viver como Cristo vive.

Mas este ideal do amor, na realidade dos nossos dias, está muito longe de ser vivido. Como nunca, o amor é apresentado e vivenciado de modo ambíguo, fruto das ideologias de consumo, do ter e do prazer. Todos falam do amor, mas poucos entendem e vivem verdadeiramente o que é amor e amar. Ensinar o que é amor, o que é amar, é opção decisiva na prioridade da evangelização das relações humanas, do existir em família e na família. Mas não se pode recuperar a dimensão libertadora do amor cristão sem a ordem do ético, da moral, dos valores e da razão primeira e última da vida humana: donde vim, por quê e para quê vivo, para onde vou.

O homem e a mulher, a família, em suas relações de complementação, chamados a serem "imagem de Deus" (Gn 1,26) e presenças vivas do amor de Cristo na Igreja (Ef 5,32), têm uma mística e caminho a seguirem, o preceito do amor tal como nos foi dado por Deus no Antigo Testamento e elevado à plenitude, no Novo Testamento, por Cristo: "*Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é um só. Por isso amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao próximo como a ti mesmo... Faze isto e viverás*" (cf Dt 6,4-5 e Lc 10,27-28) "*Este é o meu mandamento: Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei*" (Jo 13,34).

a) "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é um só"

O que será admitir "um só Deus"? Será admitir teoricamente que há um só Deus, e não mais deuses? Será apenas admitir a existência de um só Deus em Três Pessoas, como nos ensina a fé cristã? Mas, no dizer de São Tiago, "*até os demônios crêem, e tremem*" (Tg 2,19)...

O Deus em quem cremos não aceita partes nem concorrentes, exige tudo

O próprio São Tiago nos interpreta como devemos crer. É unindo a fé com as obras (cf Tg 2,14-25). Admitir um só Deus é professar que o Deus em quem cremos não aceita partes nem concorrentes, exige tudo. É o Deus da totalidade, da radicalidade, que exige o todo e o tudo de nossas vidas, de nosso amor em seu seguimento. Deus se torna Um em nós existencialmente falando, não quando o admitimos mentalmente, mas sim quando o fazemos presença viva em nossa cabeça, em nosso coração, nosso corpo, nosso sexo, nossas mãos, nossos fracassos, nossos sucessos, nas atividades, no domingo e na semana, e acima de tudo em nosso espírito. Isto é, precisamos praticar a unidade entre falar e viver, entre coração e ação, entre proclamar e fazer. Este amor é exigente, libertador, salvador, revolucionário, em primeiro lugar dentro de nós mesmos. Nunca será um amor de partes, de conveniências, de compensações, do simples prazer, mas o amor da totalidade, mesmo da morte. Este amor revoluciona e transforma as relações no homem, na mulher, no casamento, na família e no mundo, fazendo da família o verdadeiro "*santuário da vida*", na celebração viva do amor.

b) "Amar a Deus de todo o coração"

O que significa? Por que "com todo o coração" e não "com todo o cérebro"? Na verdade, aqui "todo o coração" tem o sentido de uma totalidade existencial completa. Assim como o coração humano vitaliza e mantém vivas todas as partes e células do nosso corpo através da circulação sanguínea, pulsando dia e noite, em todas as horas, circunstâncias e situações, na saúde e na doença, no sucesso e no fracasso, na alegria e na provação, assim "*amar a Deus de todo o coração*" exige a totalidade da nossa vida sem qualquer reserva.

Mas o "segundo mandamento" é "semelhante ao primeiro" (cf Mt 22,39): amar o próximo, portanto, amar o outro "de todo o coração" é assumi-lo na sua totalidade, no todo e em tudo. Esta dimensão valoriza de modo total as relações humanas entre as pessoas e torna a família o reflexo vivo do amor de Deus.

Cristo não veio salvar e amar almas, mas pessoas concretas

Nesta dimensão ilumina-se cada vez mais o alcance deste amor nas opções da Igreja na América Latina, as "opções preferenciais" pelos pobres, pela família, pela juventude, pelos que mais necessitam (cf Puebla). Compreendemos melhor os passos das Campanhas da Fraternidade em nossa pátria, assumindo a causa dos sem voz e sem vez, dos sem-terra, dos sem-teto, sem educação, saúde, trabalho... O amor cristão tem um parâmetro a seguir, Jesus Cristo, que veio "*não para ser servido mas para servir*" (Mc 10,45) e "*para trazer vida em abundância*" (Jo 10,10)

c) "Amar a Deus com todas as forças"

Amar assim eleva o alcance das dimensões das relações humanas em todos os níveis. Um amor que assume o todo do outro em sua vida e destino, não somente em horas e circunstâncias determinadas. Seguir o Cristo total, assumindo o outro em sua totalidade, fazendo da causa e sorte do outro a própria sorte e causa. Cristo não veio salvar e amar almas, mas pessoas concretas, a totalidade do ser humano, e recompor suas relações pedindo que nos amássemos "como Ele amou" (cf Jo 13,34). Esta consciência e prática levarão a família a ser transparência na ajuda mútua de pais e filhos e na ligação com a comunidade.

d) "Amar com todo o entendimento"

Aqui o preceito deuteronômico, assumido pelo Evangelho, exige o conhecer e o deixar-se conhecer. Um amor de comunhão, de partilha, de relações sadias e mútuas. Primeiro, conhecer a Deus através de toda a revelação, de todo o Evangelho, e através de todos os ensinamentos da Igreja, para então amarmos as pessoas como são, no que sentem, no que precisam em sua situação concreta. O primeiro ato autêntico de amor ao outro é amar-se a si mesmo, para então dar ao outro o que se é e não apenas o que se conhece.

Este amor define o que é amar a Deus e ao irmão. Define o que é termos um só Deus, o que é termos uma só mulher, um só marido, o que é casar-se, completar-se, o que é vivermos em família e na família, o que é pertencermos a uma Igreja e nela vivermos, enfim, o que é sermos cristãos. E como é próprio do amor ter a dimensão da relação para a abertura, para fora, o preceito dado por Deus e assumido por Cristo exige a complementação: Deus - e o outro, Eu - e meus irmãos.

e) "Amar o próximo como a si mesmo"

Amar-nos, cultivar-nos, sermos honestos, santos, autênticos, no tecido do nosso ser e em nossa mais íntima profundidade,

em nosso "eu" mais pessoal, é o primeiro ato de amor a Deus e ao próximo. Não há autêntico amor a Deus e ao próximo sem nos amarmos a nós mesmos. Não é egoísmo, mas amor de Deus no tecido íntimo do nosso ser. É caridade conosco mesmos. Não damos o que não possuímos. Temos que dar o que somos e não nossas mentiras. Cristo se deu totalmente a si mesmo: *"Amai-vos como Eu vos amo"* (Jo 13,34)... *"Dei-vos o exemplo para que, como Eu vos fiz, assim também façais vós"* (Jo 13,15). Eis o sentido profundo da Encarnação, do lava-pés, da vida, da paixão, da morte, da ressurreição, da Eucaristia. O testemunho é a grande característica dos santos.

O amor cristão leva-nos a uma abertura total a Deus, a nós mesmos, ao outro, até chegarmos à comunhão total na casa do Pai. Nesta dimensão as relações das pessoas, na família, na comunidade, na Igreja, se humanizam e se divinizam totalmente, transformando-se na fonte libertadora do amor humano-divino-salvífico de Deus em Cristo pelo Espírito Santo (cf Rm 5,5) e transformando a família no verdadeiro *santuário da vida e do amor*.

IV. Realidade, desafios, exigências, perspectivas e caminhos para transformar a família em "santuário da vida e do amor"

Embora saibamos que a vocação do homem e da mulher, pais e filhos, é um chamado de Deus para serem família, encontrando-se essa vocação no centro da Bíblia como plano de Deus, tendo sido elevada a sacramento de Cristo na Igreja, e embora a Igreja tenha sempre considerado a família como *"um dos bens mais preciosos da humanidade e fundamento da sociedade"*, *"escola da vida, dos valores, da fé, das virtudes e do bem"*, *"a célula primeira e vital da sociedade"*, *"o futuro da humanidade e da Igreja"*, *"aliança viva de pessoas"*, *"santuário da vida e do amor"*, *"Igreja doméstica"* etc etc, a relação homem-mulher, pais-filhos, família-comunidade na prática está muito machucada e passa por uma grande crise, mesmo nos casais que antes viviam na solidez de sua fé.

A família "um dos bens mais preciosos da humanidade e fundamento da sociedade"

As transformações em todos os campos da vida, as mudanças rápidas e profundas de valores e de tradições, as tensões e desequilíbrios sociais gritantes, a crise do religioso, do ético, da moral etc minaram as seguranças em todos os sentidos, desde as estruturas do econômico, do social, do político, do religioso, até as estruturas da própria pessoa em si, de seu valor, de sua razão de ser (cf GS 1-30; SD 214-216).

De outro lado também é verdade que, do mais profundo dessa realidade e em todos os cantos do mundo e do próprio coração humano, nascem as aspirações pelo melhor, por um mundo mais justo e mais fraterno. Nasce igualmente o apreço pelo ético, pelo religioso, pelos valores do espírito, da família, fazendo ruir impérios e ideologias atéias e restituindo as esperanças na construção do paraíso perdido nas famílias, nos casamentos, na sociedade, no mundo e no próprio coração humano. Há uma busca generalizada do essencial, onde a Vida volta a ser o grande anseio pelas respostas ao "por quê" e ao "para quê" da vida humana. É exatamente dentro deste horizonte de esperanças que surge o sonho do existir, do encontrar-se, do partilhar, que marca as relações humanas entre o homem e a mulher, na família, para que esta volte plenamente a ser o lugar fundamental e prioritário das opções da "civilização do amor" (DP 1188), através da "nova evangelização cristã" (SD 27).

Que passos, desafios e caminhos a seguir?

Primeiro, consciência de todos os responsáveis pela evangelização, desde a hierarquia até os mais humildes leigos cristãos engajados. Por vezes nós, católicos, ainda pensamos que o mundo está a nossos pés, mas já há tempo perdemos grande parte de nosso povo pelo anúncio ultrapassado tanto na forma como no conteúdo do evangelizar. Muitos ainda estão pensando a evangelização da família e da sociedade na forma apenas da sacramentalização. Em boa parte dos Movimentos de leigos persiste e se vive ainda uma espiritualidade de grupos fechados e não de missão, sem a apresentação de uma fé mais adulta, consciente e missionária. A grande maioria dos católicos ainda o é por tradição e não por convicção. Na verdade, em grande parte perdemos o contacto com o povo, com as massas, com os indivíduos.

A maior parte do nosso povo está fora do alcance da evangelização, mesmo se "nova" ou renovada

Claro, já demos grandes passos através da ação evangelizadora da Igreja do Vaticano II, de Medellín, de Puebla, agora de Santo Domingo, e mesmo através de inúmeros documentos das Igrejas particulares. Mas, na prática, a maior parte do nosso povo está fora do alcance da evangelização, mesmo se "nova" ou renovada. A figura do pastor, tão necessária no momento, está desaparecida. O homem moderno é carente de alguém que o toque, que o escute, que sinta o seu destino. É a importância do afetivo na evangelização!

Na verdade, abrimos muitas frentes de trabalho na Igreja, mas estamos longe das pessoas, de suas necessidades, particularmente da família. Em parte pela escassez de evangelizadores, a Igreja perdeu o contacto pessoal. As pessoas não vivem só de consciência, mas de amor, de encontros, de relações. A pastoral do Cristo tinha a preocupação das massas, mas nunca esqueceu o individual, o pessoal, a confrontação do tu a tu, tão necessários para falarmos em relações humanas, em amor, em fé viva, em família, *"santuário vivo da vida"*.

Sejamos humildes. A vida e a presença de nossos irmãos de outros credos, que saem para a missão, para o encontro, mesmo para o confronto, por vezes nos questiona seriamente. Por que nós, católicos, somos tão passivos, omissos no testemunho do anúncio de nossa fé?

Sem dúvida, a Igreja católica fez oficialmente a "opção preferencial pelos pobres" e a assumiu. Um grande sinal do Espírito Santo em nossos dias... Mas onde ficou a opção **pela família, e pela juventude**, também "preferenciais"? Por outro lado, não podemos deixar de reconhecer um grande pecado histórico que cometemos no passado e continuamos a cometer. Temos uma catequese acentuada para a infância, temos uma relativa preocupação com a formação das famílias já estruturadas, temos Movimentos de conscientização da fé bem engajados, mas quase nada temos para nossa juventude, principalmente nossa juventude universitária, que cresce totalmente longe do Evangelho. Hoje questionamos o ético e a moral em tantos de nossos administradores públicos, mas os de amanhã não serão mais precários ainda, por estarem crescendo e estudando longe dos valores do Evangelho? Este é um grande pecado histórico, uma fatal omissão da nossa Igreja.

Resta-nos a consciência e o questionamento. Por que tantos estão longe do Evangelho e de Cristo? Sem dúvida, seria demasiado simplista a explicação de que nosso povo e nossa gente vão às seitas porque lá encontram apenas a resposta a seus sentimentalismos, ou porque procuram uma religião de consumo,

de necessidade. Embora seja em parte verdade, não é toda a verdade. Ninguém buscaria a comida fora de casa se dentro de casa a encontrasse. Nosso povo não está apenas carente de justiça social, mas tem outra carência, fome do Evangelho, de Deus.

Diante disto é urgente, urgentíssimo o investimento na formação dos agentes de uma evangelização da família tanto a nível de hierarquia como a nível dos leigos. A missão da evangelização é missão de todos os cristãos católicos, começando pela prioridade do formar agentes conscientes, preparados na fé, na vida, convertidos e comprometidos através de uma autêntica pastoral familiar.

Não há como questionar a evangelização da família como sendo a prioridade das prioridades na Igreja

Se Deus pensou de modo muito concreto o seu projeto salvífico sobre o fundamento da família, se Cristo a elevou a graça e lugar de santificação pelo matrimônio cristão, não há como questionar a evangelização da família como sendo a prioridade das prioridades na Igreja. E essa evangelização só pode acontecer no momento em que nos preocuparmos pela formação sólida de novos agentes da pastoral familiar, convertidos e apaixonados por aquilo que pregam e em que crêem. Só aqui começaremos a dar base a uma sólida evangelização através da pastoral familiar, que partirá primeiro da formação da criança e do jovem que formarão as famílias de amanhã.

A família como o grande projeto de Deus, de Cristo e da Igreja, deverá sempre mais ser a opção prioritária da nova evangelização, hoje e sempre. *"É preciso empregar todas as forças para que a pastoral familiar se firme e se desenvolva, dedicando-se a um setor verdadeiramente prioritário, com a certeza de que a evangelização no futuro depende, em grande parte, da Igreja doméstica"* (FC 65; cf DP 438 e SD 200.210)

BIBLIOGRAFIA:

- DURAND, Guy, "Sexualidade e Fé", Ed. Loyola, 1989
MONTEOLIVA, José M., "Diálogo", Ed. Loyola, 1991
BUSCAGLIA, Leo, "Amando uns aos outros", Ed. Record, 1984
POWEL, John, "O segredo do amor eterno", Ed. Crescer, 1983
GONÇALVES, Ernesto, "Família, Claro e Escuro", Ed. Paulinas, 1990
EVDOKIMOV, Paul, "O Sacramento do Amor", Ed. Paulinas, 1989
Documentos do Magistério, citados por siglas:
GS = *Gáudium et Spes*, do Vaticano II
DP = Documento de Puebla SD = Documento de Santo Domingo
FC = *Familiáris Consortio*, de João Paulo II
MD = *Mulleris Dignitatem*, de João Paulo II
CA = *Centésimus Annus*, de João Paulo II

endereço do autor:
ITESC - cx postal 5041
88040-970 Florianópolis, SC

PATERNIDADE-MATERNIDADE RESPONSÁVEL

Dom Eusébio Oscar Scheid, SCJ
Arcebispo Metropolitano de Florianópolis

I. POR QUE TRATAMOS DESTE ASSUNTO

Entre as muitas razões que nos movem, tendo, inclusive, em vista a Campanha da Fraternidade de 1994, apontamos apenas algumas:

1. RAZÕES DE ORDEM NEGATIVA

A insegurança

Nota-se, cada vez mais, uma generalizada e assustadora insegurança, especialmente dos jovens, diante do Matrimônio.

Pergunta-se sobre a realidade, sobre o realismo do amor

Esta insegurança tem como origem uma série de causas externas, tais como: habitação, subsistência condigna, trabalho, salário, higiene e saúde, a angústia mundial, a situação política e cultural... Muitos autores que escrevem sobre a família atribuem a dissolução de tantas famílias jovens apenas, ou quase *exclusivamente*, a essas situações insustentáveis de ordem meramente externa ⁽¹⁾.

Mas esta insegurança tem, por certo, raízes muito mais profundas: no íntimo mais íntimo das pessoas em causa. A própria

escolha definitiva e irreversível de um ou de uma consorte para a vinculação vital, parece limitar o campo quase infinito das opções, frustrando ou até tolhendo a liberdade. Pode ser bom e desejável o que me limita, porquanto "escolher é limitar-se"?

Pergunta-se sobre a realidade, sobre o *realismo do amor*. Este tão decantado amor em que consiste, afinal? Será que existe DE FATO e duradouramente? Os desquites, divórcios, as separações e traições à fidelidade parecem evidenciar o contrário... Qual será, em última análise, a razão de ser do verdadeiro amor e as causas do seu fracasso? Parece questionável a construção de uma vida sobre base tão frágil e misteriosa... pois o amor humano é realidade frágil e sujeita a insídias ⁽²⁾.

Confusão e dúvida

Ligada a esta insegurança de ordem intelectual, psicológica, ideológica e espiritual, surge uma enorme confusão e dúvida quanto à relação existente entre amor-sexo-fecundidade, fertilidade e genitalidade. Não raro, o amor parece restringir-se ao mero intercâmbio sexual que constantemente vem agredido pela "ameaça" de uma eventual gravidez...

Fecundidade, potência geradora, parecem contrariar a verdadeira felicidade na vida do amor, assim pensam não poucos.

Ademais, o relacionamento conjugal, ordinário e freqüente, aparenta desgastar a própria "originalidade" do amor: já não se